

SEXTA-FEIRA

14

DEZEMBRO

1934

Alma Popular

Jornal republicano, literário e noticioso, defensor dos interesses do concelho d'Oliveira do Bairro e da região bairrada: radina: radina: radina:

Propriedade da Empresa da «ALMA POPULAR»

Editor — Mário d'Oliveira da Silva Briosas

FUNDADORES E DIRECTORES

Dr. Manuel dos Santos Pato
Tiago A. Ribeiro

Redacção, Administração e Tipografia

OLIVEIRA DO BAIRRO

Aos nossos assinantes No Mundo Contemporâneo

POR A. FERREIRA DA SILVA

Prevenimos os nossos estimados assinantes de que o próximo numero da «Alma Popular», que devia sair no dia 28 do corrente, fica para a primeira semana de Janeiro, a fim de que o nosso pessoal possa gosar uns dias de bem merecido descanso, ao cabo de um ano de fadiga, e passar o Natal em sossêgo.

Até lá, pois. Antecipadamente desejamos aos nossos prezados assinantes, colaboradores e anunciantes um Natal feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades.

ECOS

PARECE TROÇA!

RESOLVEU o governo da República Francesa decorar um jornalista português.

Pois sabe o leitor em que peito foi cair o penderucalho?

No immaculado peito do sr. Fernando de Sousa, director da Voz, adversário da Democracia, regimen de que a França tanto se orgulha, e um dos jornalistas que maior campanha fez contra a partida dos soldados portugueses para os campos de batalha na mesma França!

Se não é troça, parece-o.

E a propósito: — Há um século, aí por 1836, deu-se um caso semelhante. Era tão grande a fúria em distribuir insígnias honoríficas que até foi concedida a comenda de Cristo a um judeu!

Isto levou Castilho a escrever o seguinte epigrama:

«Ai valha-me Jesus Cristo,
Valha-me Cristo Jesus;
Não vão pôr a Cruz de Cristo
Em quem pôs Cristo na Cruz!»

UM MAU COSTUME

ALI, em Malhapão, da freguesia de Oiã, tem-se verificado um velho, mas péssimo costume, um tanto semelhante ao existente em algumas regiões da Africa.

Assim, quando se realiza um funeral, a familia do morto, antes do saimento fúnebre, oferece aos que nele se incorporam pão e vinho em abundância — em tanta abundância que, de vez em quando, algum mais devoto de Baco fica completamente utilizado...

Porém, no último entêrro que ali se efectiou, o do sr. José dos Santos Pereira, a familia entendeu — e muito bem — acabar com tão feia usança.

Mas, pelos modos, houve quem não gostasse do gesto e até ba-

Há dias, pessoa amiga, conversando comigo sobre deficiências mentais da sociedade, disse-me: «Mas você, falando de deficiências deste género, é, talvez, demasiadamente expressivo!...».

Ocorrendo-me agora à memória essa observação, digo eu: — Qual expressivo, qual demasiadamente expressivo?... Aqui não há expressões demasiadas; o que há são simplesmente factos fundamentalmente verídicos, tais os que tenho apontado e aponto. Nada mais. Mas porventura acham-se ainda poucos os desequilíbrios mentais e morais de verdugos que brotam dentre a humanidade? Então criem-se mais, se os que há ainda forem poucos.

Dizer-se que em todo o mundo se vive bloqueado por uma corrente de sarcasmo e cepticismo da pior força, que se respira uma atmosfera pezáda e grossa, um ar viciadíssimo, um ar corrompido por pulmões empestados pelo veneno mortal dos corações que revestem, será, também, demasiadamente expressivo? O que é, sim, é ser tudo isto, que aqui se aponta, lastimavelmente irrisório. Isso, sim.

Sem exagerar, pode afirmar-se convictamente que nós hoje vivemos, não num mundo d'homens, não num mundo socialmente humano, mas sim num mundo de feras, de feras abomináveis (sempre à parte as excepções). Não há feras, ainda as mais terríveis, que possam, mesmo de longe, sasemelhar-se às feras humanas, aquelas feras mil vezes selvagens que há por esse mundo além, em todas as nações, desde a mais pequena à de maior envergadura.

A sociedade não é, como deveria ser, um conjunto mundial de povos unidos, bem relacionados, tendo a união a aliança da ordem, da disciplina e da correcção, mas sim um conjunto mundial de povos deploravelmente infernais que, contaminados até ao intimo dos ossos por um ódio irritante e sem rival, procuram a cada ins-

rafustasse contra tão louvável atitude.

Naturalmente foram aqueles tradicionalistas para quem o sentimento e a dor se traduzem em algumas padas e uns tantos copos de vinhaça.

FEDERAÇÃO DOS TRIGOS

PARECE que os produtores de trigo não estão satisfeitos com a sua Federação. Na «Cidade», de 2 do corrente,

tante a desunião, a malquerença, tendo a afastá-los a onda desbastadora da desordem, da indisciplina, da incorrecção e — para maior complemento! — da selvajaria. Sim, da selvajaria. Há uma grande percentagem de homens que não deveria ser comportada no quadro honroso da humanidade, mas num quadro negro de selvagens.

E irritante que o homem dentro da sua raça não saiba comportar-se como homem e faça da crôsta terrestre, onde habita, um verdadeiro açougue onde todos os dias é abatida uma parte da sociedade cravando-se-lhe a choupa na cabeça, sem dor nem piedade.

O ódio, no homem de maus instintos, nasce, cresce e atinge o auge do desenvolvimento com a velocidade do relâmpago, expedindo logo o raio mortal que vai despedaçar as vítimas, inocentes ou culpadas, dêsse mesmo ódio. Afirmo categoricamente que, no mundo, não há animal tão odioso, tão selvagem e feroz, capaz de se equiparar ao homem, aquele homem-fera que, vagueando em todas as direcções da terra, procura mudar-lhe a côr com o sangue derramado das suas vítimas. Ter-se-ia que inventar ainda um monstro especialmente terrível e deformado para se lhe poder equiparar nos seus pontos de malvades.

O TEMPO

Tem sido de verdadeiro inverno os últimos dias, chovendo por vezes torrencialmente. Os campos estão já completamente alagados.

Na terça-feira a ventania desabrida derrubou parte do muro de vedação da quinta da sr.ª D. Clara de Vasconcelos, aqui em frente à nossa tipografia, danificou postes electricos e telefónicos, etc.

Antolha-se-nos, pois, um inverno rigoroso, com todo o seu cortejo de misérias.

Deus super omnia.

diz-se, a propósito, o seguinte:

«A Federação nada mais tem feito do que prejudicar os pequenos em benefício dos grandes, que a estas horas se estão locupletando com lucros fabulosos, à custa dos sacrificios de nós todos.

«Nos concelhos de Torres Novas, Santarem, Alcanena e outros da região existiam algumas dezenas de pequenas fábricas de moagem e azenhas, que farinavam trigo em grande quantidade

Apreensão de vinho

Os fiscaes da Federação dos Vinicultores apreenderam, em trãnzito, duas pipas de vinho da última colheita, saídas da adega do sr. Manuel da Silva Reis, da Mamarrosa, e destinadas a um comerciante de lhavo.

A verdadeira imprensa tem o direito de reagir contra todas as tendências deletérias. E eu não chamo imprensa senão aquela que tem o sentimento da sua dignidade.

Clemenceau.

de e da melhor qualidade. Como, porém, faziam uma enorme concorrência à grande Moagem, pois vendiam a sua farinha por um preço 17500 inferior ao dela em cada saca de 75 quilos e os padeiros (principalmente os da aldeia) vendiam também o seu pão mais barato (Pernes e aldeias próximas, a 1\$70 o quilo; Torres Novas e Santarem, a 1\$90; etc.), todas elas foram asfixiadas e tiveram de fechar, em troca de uma remuneração qualquer.

«E, assim, a grande Moagem ficou à vontade, senhora do campo e soberana absoluta da algebeira do consumidor. Resultado? A farinha subiu e o pão subiu, só descendo a possibilidade de alimentação do maior número. E aqui acaba a história.

«Tem sido esta a obra da Federação dos Produtores dos Trigos».

PASSANDO Á HISTÓRIA...

REFERE um telegrama de Budapeste que os proprietários da famosa região de vinhos de Tokay que, até agora, só forneciam aos papas, reis e imperadores aquele excelente nectar com mais de 300 anos, resolveram, em virtude de irem passando à história as monarquias, exportar, exclusivamente para os Estados Unidos da América do Norte, os seus velhos e famosos vinhos.

Chamem-lhes tólos!...

REMATE CÓMICO

ENTRE pintores espanhóis: — Pois meus caros, pintei há pouco uma tábua de pinho, imitando mármore, com tanta perfeição que, deitando-se na água, vai ao fundo.

— Isso não é nada, diz outro. Cá estou eu que, tendo uma vez por acaso pendurado um termómetro no cavalete em que estava o meu quadro «Vista das regiões polares», o mercúrio desceu imediatamente 20 graus abaixo de zero.

— Ora! Que é tudo isso, caríssimos? — volveu um terceiro. O retrato, que eu pintei, do marquês de Vilamar, parece tão vivo... que é preciso fazer-lhe a barba dia sim dia não.

RECEPTORES FILIPS. Vendem-se na Relojoaria Neves.

Carta DE AVEIRO

12 de Dezembro de 1934

Aquele eco aqui publicado no último numero deste quinzenário, intitulado Mortos... vivos, veio lembrar-me um caso passado em 1912 ou 1913, a dois passos da cidade, num lugar da freguesia de Esgueira, em que uma mulher, na ocasião de um parto, tendo perdido os sentidos, e conservando-se nesse colapso durante horas, foi julgada morta. A criança salvou-se e ainda hoje é viva, mas a mãe foi enterrada. Um dia após este caso alguém me disse: *fulana morreu*; e dias depois alguém, dando-me igual noticia, acrescentava: *quando fulana estava no caixão, o seu rosto estava escarlate, e parece que na testa se lhe divisavam gotas de suor*. Muita vez se tem dito que há pessoas que se têm conservado em prostração durante muitas horas, voltando por fim à vida. Seria aquele um desses casos, que só a ciência poderia explicar?

— No dia 1 de Dezembro, com o fim de escolherem lugar propício à construção de um edificio para os correios, telégrafos e telefones, estiveram nesta cidade tres engenheiros que, acompanhados dos srs. governador civil, presidente da Câmara e outras entidades, acordaram em ser o melhor local aquele ali no começo da Avenida, contiguo ao prédio do sr. Alfredo Esteves.

Já há tempos se falou no prédio onde está instalada a agência do Banco de Portugal, visto o prédio onde actualmente funcionam aquelas repartições ser em demasia acanhado para o movimento da cidade.

Veremos se desta vez tem realidade a tão instante necessidade de um edificio condigno aos serviços dos correios, telégrafos e telefones, em Aveiro.

— Temos sido bem bafejados com chuva e vento; no entanto, e apesar de irmos em meados de Dezembro, os frios não nos têm flagelado muito. Mas o que não se sabe é o que nos reservam os meses de Janeiro e Fevereiro e até Março às vezes nos caustica, embora traga já no ventre as primeiras seivas primaveris.

— Afinal o sorteio de oito valiosos prémios que de revista intitulada «Movimento» promoveu (em proveito de quem?) e que devia fazer-se em Setembro, ainda até agora se não realizou, nem de tal há noticia.

(Correspondente).

Assinaí e propagai a «Alma Popular»,

A morte da guitarra

Em ouvindo uma guitarra,
Paro, tirando o chapéu:
Não me importo de morrer,
Se houver guitarras no Céu.

Fernandes Costa.

Não nos importa saber de quando data o aparecimento e uso da guitarra. No entanto sabe-se que a guitarra em outros tempos entrou tanto nos salões doirados da velha nobreza, como no lupanar mais sórdido, e que só o piano, após a sua introdução em Portugal, fez com que se deixasse de ouvir menos nas salas. Algumas testas coroadas não desdenhavam dedilhar as cordas prateadas da guitarra, e diz-se até que uma princeza espanhola, ao depois rainha, tocava guitarra belamente e até se apaixonara pelo mestre. Também D. Carlos — ainda príncipe real — tocou guitarra, sendo seu professor o afamado guitarrista João Maria dos Anjos.

E quantos guitarristas tem criado Coimbra? João de Deus tocou guitarra e fazia versos que cantava ao som da banza. Hilário também tocou guitarra e cantou em fado seu, os seus belos improvisos.

Também aqui em Aveiro se criaram bons tocadores de guitarra, todos já hoje desaparecidos. Hoje não se juntam meia dúzia deles. Dos desaparecidos contam-se as belas serenatas no rio, nas soleiras de porta, pelas tamargueiras que bordavam as salinas e a estrada da Gafanha à Barra, em noites de espera de touros, quando ainda aí tínhamos, no Rossio, as praças p'ra touradas.

Se a introdução dos pianos nas salas delas afugentou as guitarras, o fonógrafo e a radiofonia quase vieram dar o golpe de misericórdia nas guitarras. Até o fado, que era um atributo da guitarra, desapareceu. Já não se ouvem esses cantos sentimentais, essas melopeias de ciclo amoroso.

A guitarra foi noutros tempos a companheira querida dos Portugueses. Se quando fomos a Alcácer-Kibir a guitarra nos acompanhou, como se fôssemos à conquista dos aduares Africanos... que admira que o Hilário cantasse:

Eu quero que o meu caixão
Tenha uma forma bizarra,
A forma dum coração,
A forma duma guitarra.

E' por isso que eu prevejo a morte da guitarra. Já por aí se não ouvem os seus trinados, os seus acordes emudeceram. E se a guitarra morre é que o fado morreu também.

A fonografia e a radiofonia foram os covairos da guitarra?

Aveiro, 1934.

F. N. CORREIA.

Almeida Garret

Fez no dia 9 do corrente 70 anos que faleceu o brilhante escritor e grande patriota, que muito batalhou pela Liberdade, Almeida Garret.

Sociedade

Após uma estada de alguns meses na sua casa de Bustos, retirou para Medelim (Beira Baixa), com sua filhinha, a sr.^a D. Elisa Costa Mareira.

— Com sua esposa, retirou também para Manaus (Brasil), depois de aqui se ter demorado uma temporada, o nssso assinante, sr. António dos Reis Páscoa.

Desejamos-lhes uma feliz viagem.

— Para Lisboa e Canha, respectivamente, partiram também os nossos assinantes, srs. Antero Nunes Miguel, da Silveira; e Benjamim Marques de Oliveira, desta vila.

Quem perdeu?

Dentro da camionete que faz a carreira entre Luso, Aveiro e Costa Nova, da Empresa de Transportes Mecânicos de Luso, apareceu um objecto de valor, que se acha no escritório da referida Empresa à disposição da pessoa que se apresente a dar as indicações concretas que lhe forem exigidas.

VAGA

Pela colocação, na Tesouraria da Fazenda Pública do concelho da Mealhada, do sr. José Monteiro da Cunha Júnior, que aqui exerceu o cargo de tesoureiro com muita inteligência e saber, encontra-se vaga a Tesouraria do nosso concelho. De esperar é que ali ocupe o seu lugar com a mesma distinção.

Grafonolas e discos «Odeon» e «Brunswick», vendem-se na Relojoaria Neves.

Pela Imprensa

Entraram em novo ano de publicidade os nossos colegas «O Ilhavense», de Ilhavo, e «A Voz do Povo», da Oliveirinha, aos quais desejamos muitas prosperidades nesta época de crise para a pequena imprensa.

Relógios de bolso, parede e despertadores, estojos para brin-des, etc., etc., vendem-se na Relojoaria Neves.

Expediente

Pedimos aos nossos assinantes a fineza de nos avisarem, num simples postal, sempre que mudem de residência, a fim de não sofrerem interrupção na remessa do nosso jornal.

Igualmente pedimos aos nossos amigos que nos participem alguns acontecimentos, dignos de registo, ocorridos nas suas terras.

Arlindo Vicente

ADVOGADO

Consultas no Troviscal, até às 11 horas.
Depois das 12 no Escritório em Anadia.

Engrandece a tua pátria sem praticares nunca uma violência ou uma injustiça, quere se trate de estrangeiros, quere se trate de nacionais. E' este o teu dever, que esta seja a tua obra de cidadão.

Norton de Matos.

Contra as businas

O «Diário do Governo» publicou, há dias, o decreto n.º 24:723, redigido nos seguintes termos:

Artigo único — A partir de 1 de Janeiro de 1935 é proibido, dentro das localidades, o uso, em viaturas automóveis, de sinais acústicos, provocados por qualquer sistema de vácuo ou de ar comprimido, ou ainda de quaisquer outros, de som estridente, que originem os mesmos efeitos.

§ único — A transgressão às disposições deste artigo será punida com a multa de 50\$00, que constituirá receita do Estado, nos termos do Código da Estrada.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

— HORAS LIRICAS —

O TRABALHO

A lei da criação, a lei universal
Resume-se em — Trabalho — o Bem oposto ao Mal!

A esmola é um alívio e pode ser um vício;
O trabalho é virtude, um santo sacrifício.
E' luz que espanca a treva, é luz no lupanar,
E' luz que regenera, é luz a cintilar!
Depressa fuge o vício à vista do trabalho.
Depressa o lavrador vai manejando o malho,
Enquanto pelo ar a voz da cotovia
Ressôa, cristalina, ao despontar o dia!

Dá trabalho ao artista, ao servo, ao proletário,
Que assim lhe dareis vida, e pão no seu armário,
Deixando refflorir nos meigos corações
As rosas da virtude, as gratas afeições.

A. COUTINHO.



O Sapato de Tony

Conto do Natal

O termómetro marcava 2 graus negativos. Caía neve em pequenos flocos, que o sol da tarde irisava, fazendo a alegria do menino António. A' janela, sob os olhares da mãe, a criança pedia para lhe darem aqueles farrapos branquinhos que se estendiam na rua. E teimoso, abrindo a mão, batia na vidraça, fazia beicinho para chorar. Foi preciso applicar-lhe dois açoites para se acomodar e chorar de verdade. Amou e a mãe deixou-o só, sentado no soalho, curtindo a perrice. Sentindo-se esfriar, pois lhe faltara o conchêgo da mãe, Tony, como diminutivamente lhe chamavam em família, acerrou-se da mãe, que preparava a massa para as filhós, e sentou-se perto do fogão, à tepidês que dêle se emanava para o exterior.

— Mãzinha, deixo logo os sapatinhos aqui no fogão ou à porta do quarto?
— E' melhor deixá-los aqui, filhinho. O Menino Jesus desce pela chaminé e deixa logo as prendas se tu não tornares a chorar nem a bater nos vidros.
— Pois não, eu já não sou mau, mas quero que me dês muitas filhós, sim, mãzinha?
— Sim, amorzinho. Logo, quando o pai vier, ceiamos e depois comes muitas filhós. Mas não adormeças, não?
— Não, mãzinha, não! Mas está tanto frio!... Os outros meninos também em suas casas tem filhós?
— Nem todos, meu anjo, nem todos. Sabe Deus quantos esta noite passarão sem comer!...
— Porquê, mãzinha?
— Uns porque não têm pai, outros porque não têm mãe, e muitos que, tendo pai e mãe, não ganham para comer, filhinho.
— E nós não podíamos dar-lhes da nossa ceia?
— Não, filho. Nós não sabemos os que são assim tão necessitados.

E a neve lá fóra continuava a cair, e Tony, já sonolento, aquecia-se ao fogão, em cima do qual já o azeite fervia na sertan para a fritura da massa das filhós.

O pai, que regressava dos seus afazeres, veio encontrar o António cabeceando; mas, vendo-o,

abriu-lhe os braços e pediu-lhe: — Paizinho, logo põe aqui os meus sapatos, sim, para o Menino Jesus me dar coisas lindas. E, encostando a cabecita no ombro do pai, adormeceu sem comer ao menos a primeira filhós.

Que sonhos povoariam o cérebro do inocente Tony, naquela noite do nascimento do Redentor? Sabe-se lá!...

Manhãzinha cedo, quando os primeiros arrebóis entravam pela janela do quarto a que uma bem franjada cortina punha dúbias claridades, a criança acordou na sua caminha e logo chamou pela mãe para ir à cozinha ver a prenda que o Menino lá deixára. O pai trouxera-lhe um palhaço que movia os braços e tocava pratos quando o premiam no peito. A mãe, em papel de sêda, colocara-lhe nos sapatos filhós e outras guloseimas; mas, de noite, o gato, que apanhára a porta mal fechada, fizera das suas: os doces todos machucados e mordidos jaziam espalhados no pavimento; o palhaço todo esfrangalhado estava estendido ao canto da lareira.

Tony chorou. A mãe, agarrando o bichinho, applicara-lhe boa dose de pancadas com o sapato de Tony. E o pai, para não ver o filho em alta grita, foi comprar-lhe novo brinquedo.

E todas as vezes que Antoninho apanhava a geito o gato, comedor das suas guloseimas e do palhaço que o Menino depuzera nos seus sapatos, corria-o à vergastada:

— E' bem feito, para não estragares as prendas que o Menino Jesus me quiz dar.

1934.

Fernão Pires.

Alfaiataria Paris

António Berne Cardoso

Elegância e bom acabamento é a divisa desta casa. — A sua obra é o seu verdadeiro réclamo.

OLIVEIRA DO BAIRRO

LUTUOSA

Em Arcos (Anadia) faleceram no dia 4 do corrente os nossos amigos e bons cidadãos, srs. Albino Gonçalves de Amorim e Adriano Rodrigues Cancela, respectivamente inspector escolar e tesoureiro da Câmara de Anadia, ambos já aposentados.

Porque durante a vida foram cidadãos prestáveis, impondo-se à consideração do público, os seus funerais foram imensamente concorridos e a sua morte geralmente sentida.

A *Alma Popular*, que conta os extintos no número dos seus dedicados assinantes, desde a sua fundação, apresenta às famílias doridas as mais sentidas condolências.

Nas nações decadentes não são os homens inteligentes que faltam. Os homens de caracter é que não abundam. Esta é a concepção que o povo inglês possui acerca do valor do homem.

Paulo Doumer.

Da Barra de Aveiro

Em 6.

Proveniente de Lisboa (chegado em 23 de Novembro último), esteve fundeado durante 3 dias em frente deste porto, e a pouca distância, o barco de guerra «5 de Outubro», trazendo a bordo uma missão de engenheiros que vieram especialmente proceder ao levantamento da planta hidrográfica da costa, a qual servirá de base para o estabelecimento do projecto para o prolongamento dos molhes Norte e Sul, de que já por várias vezes aqui temos falado. Espera-se que essas obras, de alta importância, sejam adjudicadas no prazo máximo de um ano, a fim de serem executadas no seguimento das presentes. O mar, com uma calma excepcional, prestou-se maravilhosamente a aqueles trabalhos.

Entrou em 27 e saiu em 29 do mês último a fragata «S.ª do Pilar», com carregamento de sal para o Porto. Apesar de, nessa data, estarem as águas em marés quebradas, a barra encontrava-se com uma profundidade de 13 pés, o que é bastante apreciável.

Com os dias invernosos que presentemente tem feito, as ruas da Barra e as outras demais estão um verdadeiro caos intranzitável. Quem anda a pé, só com botas bacalhadeiras se poderá salvar, e quem andar de carro tem, ao fim do percurso, que lhe aplicar um banho geral, à força de bomba, e, possivelmente, substituir-lhe as molas.

A Câmara de Ihavo não liga menhuma a isto. A Barra clama, a Gafanha clama e, finalmente, clamam todos por obras que lhes são imprescindíveis. Mas quem presta ouvidos? Ihavo? Não, porque com isso não se incomoda, Barra e Gafanha, que infelizmente a Ihavo pertencem, não merecem, da parte de quem sobre isto exerce o mandato, qualquer consideração, a avaliar pelo desleixo que se vê.

C.

Foot-ball

Como dissemos, deslocou-se no dia 2 a Sôsa, onde foi jogar com o grupo dali, o team representativo de Oliveira do Bairro, que venceu o grupo local, embora por pequena diferença.

Os nossos rapazes vieram satisfeitos pela maneira como foram acolhidos e tratados, tanto pelos jogadores como pela assistência. Assim compreende-se o «foot-ball».

Correspondências

Troviscal, 9.

A morte é para quase todos uma surpresa, acabando com os que vão e deixando comovidas saudades aos que ficam. No dia 29 de Novembro último baixou à terra o cadáver do cidadão Manuel José da Mota, do Vale da Marinha, lavrador, embora de humilde cultura, mas honrado e honesto, e sempre pronto para a defesa da Liberdade. O entêrro, conforme o último desejo do morto, foi civil, tendo-se incorporado no cortejo muitas centenas de pessoas de todas as categorias sociais.

Ao passar em frente à Assembleia Republicana de Beneficência, Instrução e Recreio do Troviscal, de que o extinto era sócio fundador, motivo porque esta se encontrava de bandeira a meia haste, por ordem do vogal da Direcção, sr. Migueis, o cortejo parou dois minutos em silêncio, como se em posição de sentido, tendo este em seguida colocado sob a urna, na sua estreia, a bandeira da referida Assembleia, continuando depois o cortejo silencioso até ao cemitério do Troviscal, onde repousam para sempre os restos mortais daquele que em vida foi apóstolo da Liberdade.

Que descanse em paz.

C.

Falta de espaço

Continúa a apoquentar-nos a falta de espaço, pelo que ficam para o próximo número muitos originaes.

Despedida

António Reis Páscoa e esposa, havendo-se auzentado repentinamente para Manaus (Brazil) e não se tendo despedido de todas as pessoas de suas relações, como era do seu desejo, devido à escassês de tempo, fazem-no por intermédio da «Alma Popular», pedindo a todos disso desculpa e oferecendo-lhes os seus limitados préstimos naquela cidade.

Oliveira do Bairro, 5 de Dezembro de 1934.

António Reis Páscoa.

VIOLINO

VENDE-SE um, da marca Joseph Guarnerius, Filius Andreae, construído em S. Teresie (Cremona) em 1714.

Árvores de Fruto

Qualidades garantidas. Vende Alberto A. de Carvalho—Costa do Valado.

Cartões de visita—Imprimem-se, com perfeição e rapidês, na TIP. POPULAR, desde 6\$000 o cento.

Edital

António Tavares d'Araujo e Castro, Administrador do Concelho de Oliveira do Bairro:

FAÇO saber que, terminando no dia 31 do próximo mês de Dezembro, o prazo para a entrega de requerimentos pedindo licença para cultura de arroz, no próximo ano, assim como as declarações da área mantida em cultura, conforme determina o art. 1.º e seu § único, do decreto n.º 20.596, de 20-10-1931, por esta forma ficam avisados os cultivadores de arroz para requererem as respectivas licenças e fazer as competentes declarações, directamente à Direcção Geral dos Serviços Agrícolas do Ministério da Agricultura, ou por intermédio da Administração deste concelho, dentro do prazo legal.

Os requerimentos devem ser feitos em papel selado, com as assinaturas devidamente reconhecidas por notário, e sempre acompanhados de um selo fiscal da taxa de 2\$50, para ser aposto na licença a passar por aquela Direcção Geral. No caso de cada requerimento se referir a mais do que um arrozal, os selos serão tantos quantos os arrozais.

As declarações de manutenção ou modificação da área cultivada por arrozal, e para os quais já os interessados possuam licença, são feitas em papel comum.

Como a falta de licença é punida com a multa de 100\$00 por hectare ou fracção e a falta de declaração com a multa de 50\$00, também por hectare ou fracção, nos termos do art. 18.º do mencionado decreto, acho vantajoso vir dar a maior publicidade a estas disposições, para evitar que os orizicultores sejam multados por falta de licença.

Oliveira do Bairro, 12 de Novembro de 1934. E eu, Bernardo Alves de Seabra, Chefe da Secretaria da Câmara, o subscrevo.

O Administrador do Concelho,

António Tavares d'Araujo e Castro.

NOVA

Oficina de Ferrador

António Alberto da Rosa & Filhos

Da Vila de Fermentelos

Ferrador, Alveitar e Castrador

FERRADOR E CASTRADOR

Diplomado com os seus exames pela Escola Superior de Medicina Veterinária de Lisboa, vem por este meio fazer saber que acaba de abrir em Oliveira do Bairro uma nova oficina de ferrador, na antiga casa de ferrador, próximo da residência do sr. dr. Costa. Esta encontra-se aberta todas as quartas-feiras e aos domingos até ao meio dia. Recebem-se nestes dias todos os trabalhos pertencentes a esta arte, que se executam com perfeição e a preços razoáveis.

Grafonola

VENDE-SE, em estado de nova, com uma linda colecção de discos, em boas condições. Quem pretender comprar, dirija-se a esta redacção.

Fibro-Cimento LUSALITE

Material fabricado com cimento e amianto, o que há de melhor para o que a seguir é indicado:

Em chapas onduladas. (Para telhados e quaisquer outras coberturas.

Em chapas lisas. (Para tabiques, tétos, lambris, e outras variadíssimas aplicações.

Em tubos. (Para toda a espécie de canalizações, com diâmetros desde 50 a 400 mm.

Este produto, que se pode serrar, furar, pintar ou pintar, reúne consideráveis vantagens sobre o que até hoje se tem empregado para os fins a que o mesmo se destina.

Mostruário e esclarecimentos

Abecassis (Irmãos), Buzaglos & C.ª

OLIVEIRA DO BAIRRO

PRODUTOS PARA VINHOS

A **Farmácia Central**, de OIÃ, tem em depósito grande quantidade de produtos para tratamentos de vinhos, que vende aos melhores preços do mercado, fazendo descontos vantajosos aos revendedores.

Comprar todos estes produtos na FARMÁCIA CENTRAL, de OIÃ, é ter a certeza de ganhar dinheiro.

Quinta em Oliveira do Bairro

Ainda não está vendida a Quinta do Vale do Mouro, situada à beira da Estrada Nacional n.º 40, que há meses andou anunciada neste jornal.

Resolveu-se vendê-la agora, livre e alodial, por um preço muito razoável.

Quem pretender, deve dirigir-se, em Oliveira do Bairro, ao Ex.º Senhor António Tavares de Castro, ou ao seu proprietário—Manuel da Silva Teixeira.

Oliveira do Bairro, 27 de Junho de 1934.

VINHO MOSCATEL

S. LOURENÇO

Manuel de Matos Ala
BUSTOS



Agência d'O Primeiro de Janeiro

RELOJOARIA NEVES

Dão-se todos os esclarecimentos

Livros escolares

1.ª E 2.ª CLASSES

Descontos para certas quantidades.

O depositário:

António S. Barata

Oliveira do Bairro

Adolfo R. d'Almeida Ribeiro

Miguel de França Martins

ADVOGADOS

Com escritório em frente dos Paços do Concelho e junto à Farmácia Barros, aceitam procurações e encarregam-se da cobrança de dívidas.

Consultas—Quartas-feiras, das 11 às 4 da tarde; aos domingos, das 10 à 1 da tarde.

Ama de primeiro leite

Muito saudável, oferece-se. Falar na Rua Gustavo Pinto Basto, n.º 5 — AVEIRO.

